

REVISTA DE PATOLOGIA DO TOCANTINS

PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DOS ACIDENTES POR ANIMAIS PEÇONHENTOS NO BRASIL DE 2018 A 2022

EPIDEMIOLOGICAL PROFILE OF ACCIDENTS CAUSED BY VENOMOUS ANIMALS IN
BRAZIL FROM 2018 TO 2022.

Editor: Anderson Barbosa Baptista

Publicado: janeiro/dezembro 2025.

Direitos Autorais: Este é um artigo de acesso aberto que permite o uso, a distribuição e a reprodução sem restrições em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

Conflito de Interesses: os autores declaram que não existem conflitos de interesses.

DOI:

<https://doi.org/10.20873/RPTfluxocontinuo20360>

***Matheus Campos Mendonça**

Universidade Federal do Tocantins (UFT), Palmas-TO.
Orcid.org/0009-0007-3231-1080

Carlos Wagner Leal Cordeiro Júnior

Universidade Nove de Julho (UNINOVE), Mauá-SP.
Orcid.org/0000-0002-4943-8949

Amanda Miyuki Kondo

Faculdade Israelita de Ciências da Saúde Albert Einstein (FICSAE), São Paulo-SP.
Orcid.org/0009-0009-6170-2544

Eduarda Forte Silva Leite

Centro Universitário Estácio de Ji (UNIJIPA). Ji-Paraná-RO.
Orcid.org/0009-0002-5557-7459

Juliana Braga Rodrigues de Castro

Mestrado em Nutrição e Saúde pela Universidade Estadual do Ceará (UECE), Brasil.
Orcid.org/0000-0001-5379-3065

***Autor correspondente:** Universidade Federal do Tocantins - UFT; e mail: matheus.medonca@mail.uft.edu.br

RESUMO

Introdução: No Brasil, os acidentes por animais peçonhentos representam um desafio significativo para a saúde pública, sendo uma preocupação constante em diversas regiões do país. A variedade de climas e biomas do país proporciona uma grande diversidade biológica, caracterizada por uma ampla variedade de insetos, serpentes, aracnídeos e outros animais peçonhentos. **Metodologia:** Trata-se de um estudo transversal, descritivo e com abordagem quantitativa, realizado mediante coleta de dados do Sistema de Informações de Agravos de Notificação – Sinan Net vinculado ao DataSUS referentes à incidência dos acidentes por animais peçonhentos no Brasil no período de 2018 a 2022, segundo as variáveis de sexo, faixa etária e tipo de acidente, bem como a variável dos tipos de acidente segundo a região brasileira. **Resultados:** No período de 2018 a 2022, registrou-se um total de 1.344.927 casos de acidentes por animais peçonhentos (média anual de 268.985 casos), sendo distribuídos da seguinte forma ao longo das regiões brasileiras: Região Sudeste com 521.506 casos (39%), Nordeste, 478.240 (36%), Sul, 153.819 (11%), Norte, 106.020 (8%) e Centro-Oeste, 85.342 (6%). **Discussão:** A incidência de acidentes com animais peçonhentos no Brasil apresenta variações significativas entre as diferentes regiões do país. Diversos fatores complexos contribuem para essa elevada incidência na região Sudeste. Primeiramente, a intensa atividade rural na região, marcada por trabalhos agrícolas e pecuários, expõe a população a um contato mais frequente com animais peçonhentos. Paralelamente, a Região Nordeste destaca-se como uma área expressivamente impactada pela incidência de acidentes com animais peçonhentos no Brasil, apresentando o segundo maior número de casos em que também se observa uma intrincada interação entre fatores ambientais e socioeconômicos. **Conclusão:** Foram registrados um aumento do número de acidentes por animais peçonhentos, os quais possuem diferentes proporções entre os tipos de acidentes em cada região brasileira.

PALAVRAS-CHAVE: Animais peçonhentos; Acidentes, Epidemiologia.

ABSTRACT

Introduction: In Brazil, accidents caused by poisonous animals represent a significant challenge for public health, being a constant concern in several regions of the country. The country's variety of climates and biomes provides great biological diversity, characterized by a wide variety of insects, snakes, arachnids and other poisonous animals. **Methodology:** This is an ecological, descriptive study with a quantitative approach, carried out by collecting data from the Notifiable Diseases Information System – Sinan Net linked to DataSUS regarding the incidence of accidents caused by poisonous animals in Brazil from 2018 to 2022, according to the variables of gender, age group and type of accident, as well as the variable of accident types according to the Brazilian region. **Results:** In the period from 2018 to 2022, a total of 1,344,927 cases of accidents caused by poisonous animals were recorded (annual average of 268,985 cases), distributed as follows throughout the Brazilian regions: Southeast Region with 521,506 cases (39%), Northeast, 478,240 (36%), South, 153,819 (11%), North, 106,020 (8%) and Central-West, 85,342 (6%). **Discussion:** The incidence of accidents involving poisonous animals in Brazil presents significant variations between different regions of the country. Several complex factors contribute to this high incidence in the Southeast region. Firstly, the intense rural activity in the region, marked by agricultural and livestock work, exposes the population to more frequent contact with poisonous animals. At the same time, the Northeast Region stands out as an area significantly impacted by the incidence of accidents involving poisonous animals in Brazil, presenting the second highest number of cases in which an intricate interaction between environmental and socioeconomic factors is also observed. **Conclusion:** An increase in the number of accidents caused by poisonous animals was recorded, which have different proportions between the types of accidents in each Brazilian region.

KEYWORDS: Poisonous animals; Accidents; Epidemiology.

INTRODUÇÃO

Os animais peçonhentos são caracterizados pela capacidade de produzirem e armazenarem toxinas em glândulas especializadas que apresentam comunicação com o ambiente externo através de estruturas como dentes e ferrões, que têm a principal função de inoculação do veneno em presas ou predadores¹.

Os animais mais importantes em relação à incidência e gravidade dos acidentes por animais peçonhentos são as serpentes do gênero *Bothrops*, *Crotalus*, *Lachesis* e *Micrurus*¹. Elas tendem a ocupar regiões de menor densidade populacional, como o cerrado na Região Centro Oeste e as amplas áreas de floresta tropical na Região Norte do país². O diagnóstico de certeza de acidentes ofídicos por serpentes peçonhentas é feito pelo reconhecimento do animal causador do acidente. No entanto, habitualmente o diagnóstico realizado é o presumível baseado na observação dos sintomas e sinais do paciente. O tratamento eficaz desses envenenamentos é realizado pela aplicação intravenosa de antiofídico específico para cada gênero de serpente³.

Os acidentes por escorpiões, por sua vez, são importantes em virtude da grande frequência com que ocorrem e do seu potencial gravidade⁴. Esses animais podem causar com sua picada um quadro de envenenamento humano cuja gravidade e evolução variam amplamente, sendo a espécie *Tityus serrulatus* a que possui o veneno mais potente e que está mais bem adaptada à vida domiciliar urbana. Em relação a ocorrência de escorpionismo, é maior nos períodos mais quentes e chuvosos do ano, particularmente pelo desalojamento de escorpiões e saída desses animais para a caça por alimentos⁴.

O diagnóstico de envenenamento dos acidentes escorpiônicos é eminentemente clínico-epidemiológico, não sendo empregado na rotina hospitalar exame laboratorial para confirmação do veneno circulante e o tratamento específico é feito com Soro Antiescorpiônico ou Soro Antiaracnídico em ambiente hospitalar sob supervisão médica⁵.

Apesar de relativamente negligenciados, quando comparados ao ofidismo, os acidentes causados por aranhas configuram-se como um problema de saúde pública, em especial, nas regiões tropicais do mundo⁶. De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), existem apenas quatro gêneros de aranhas com espécies que podem causar envenenamento grave no ser humano, sendo eles: *Latrodectus*, *Loxosceles* e *Phoneutria* (Araneomorphae) e *Atrax* (Mygalomorphae)⁷. O araneísmo ocorre durante o ano todo, com um aumento em época de acasalamento, período no qual elas estão mais ativas. Na maioria dos casos, esses acidentes ocorrem em ambientes intra ou Peri domiciliares, estando relacionados ao ato de calçar e vestir, ou ao manuseio de legumes e frutas⁸. O diagnóstico desse tipo de envenenamento, assim como nos acidentes escorpiônicos, é clínico-epidemiológico, não sendo empregado na rotina hospitalar exame laboratorial para confirmação do tipo de veneno circulante e o tratamento é realizado com Soro Antiloxocélico e Soro Antiaracnídico⁹.

Os himenópteros, que englobam abelhas, formigas e vespas, são insetos comuns no Brasil e desempenham papéis cruciais no ecossistema como polinizadores. Alguns representam risco de acidentes devido à sua capacidade de injetar veneno, que pode desencadear reações adversas em indivíduos sensíveis, muitas vezes resultando em choque anafilático devido à intoxicação por histamina. Embora os dados sobre a incidência de acidentes envolvendo himenópteros sejam escassos¹⁰, áreas com maior registro desses eventos geralmente são mais quentes e propícias à presença desses

insetos. O tratamento inicial inclui medidas como a remoção do ferrão, se presente, e a administração de antídotos, como anti-histamínicos, além de oferecer suporte para o controle de reações alérgicas graves, uma vez que o choque anafilático é uma emergência médica de alto risco.

Os coleópteros são conhecidos popularmente como besouros e apesar da maioria ser inofensiva, algumas espécies representam riscos ao entrar em contato com a epiderme. Na região Norte, Nordeste e Centro-Oeste há importantes registros de acidentes por *Paederus*, conhecidos coloquialmente como “potós”. De maneira geral, a lesão é produzida quando o inseto é esfregado acidentalmente sobre a pele, liberando a substância irritante que produz ardor, eritema e posterior vesiculação¹¹.

No Brasil, os acidentes por animais peçonhentos representam um desafio significativo para a saúde pública, sendo uma preocupação constante em diversas regiões do país. A variedade de climas e biomas do país proporciona uma grande diversidade biológica, caracterizada por uma ampla variedade de insetos, serpentes, aracnídeos e outros animais peçonhentos⁴. Nesse contexto, a incidência de eventos com esses animais tem importantes implicações clínicas, sociais e econômicas. Assim, compreender as características demográficas dos afetados, a distribuição geográfica dos incidentes, o impacto socioeconômico e as peculiaridades clínicas dos acidentes mais prevalentes mostram-se essenciais para fundamentação de políticas de prevenção, aprimoramento dos protocolos de tratamento e estratégias de intervenção rápida.

Este artigo, portanto, visa analisar as taxas dos números de acidentes com animais peçonhentos nos anos de 2018 a 2022, utilizando registros de saúde de base nacional e populacional.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo transversal, descritivo e com abordagem quantitativa, realizado mediante coleta de dados do Sistema de Informações de Agravos de Notificação – Sinan Net vinculado ao DataSUS referentes à incidência dos acidentes por animais peçonhentos no Brasil no período de 2018 a 2022. Vale ressaltar que se trata de dados públicos e anônimos, em conformidade com o Artigo I da Resolução 510/2016 da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa¹². As variáveis incluídas foram a incidência dos casos segundo as regiões brasileiras, sexo, faixa etária e tipo de acidente, bem como a variável dos tipos de acidente segundo a região brasileira. Além disso, calculou-se a taxa de mortalidade segundo o tipo de acidente por meio da razão entre os óbitos do tipo de acidente pelo número de casos registrados de cada gênero de acidente.

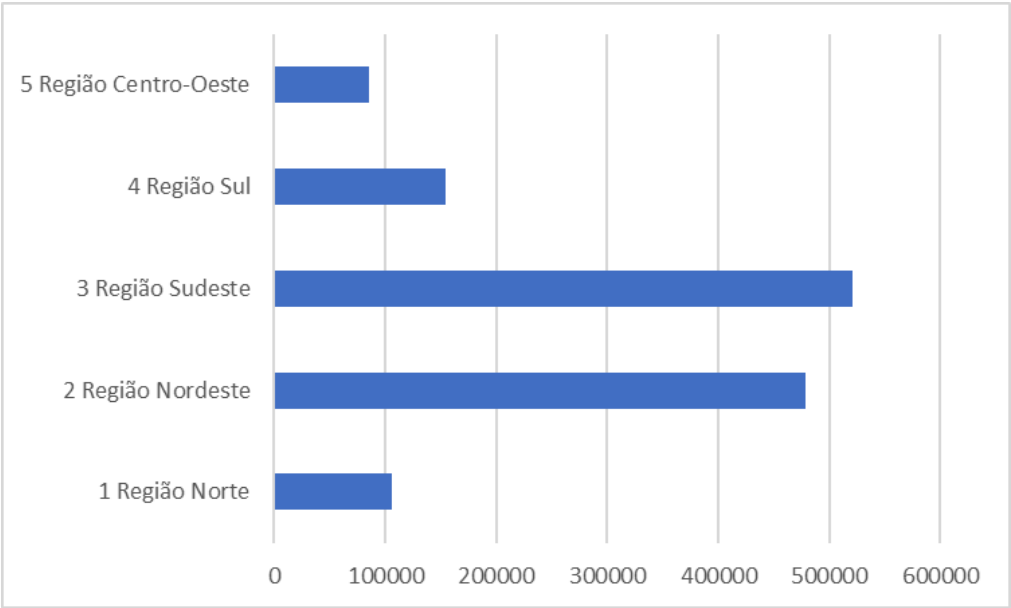
A partir da coleta de dados feita entre os dias 15 e 31 de janeiro de 2024, utilizou-se a ferramenta Microsoft Excel para a construção de gráficos e cálculo das porcentagens aproximadas de cada dado, a fim de elucidar a comparação e discussão de dados na análise do perfil epidemiológico do presente estudo.

RESULTADOS

No período de 2018 a 2022, registrou-se um total de 1.344.927 casos de acidentes por animais peçonhentos (média anual de 268.985 casos), sendo distribuídos da seguinte forma ao longo das regiões brasileiras: Região Sudeste com 521.506 casos (39%),

Nordeste, 478.240 (36%), Sul, 153.819 (11%), Norte, 106.020 (8%) e Centro-Oeste, 85.342 (6%) (Figura 1).

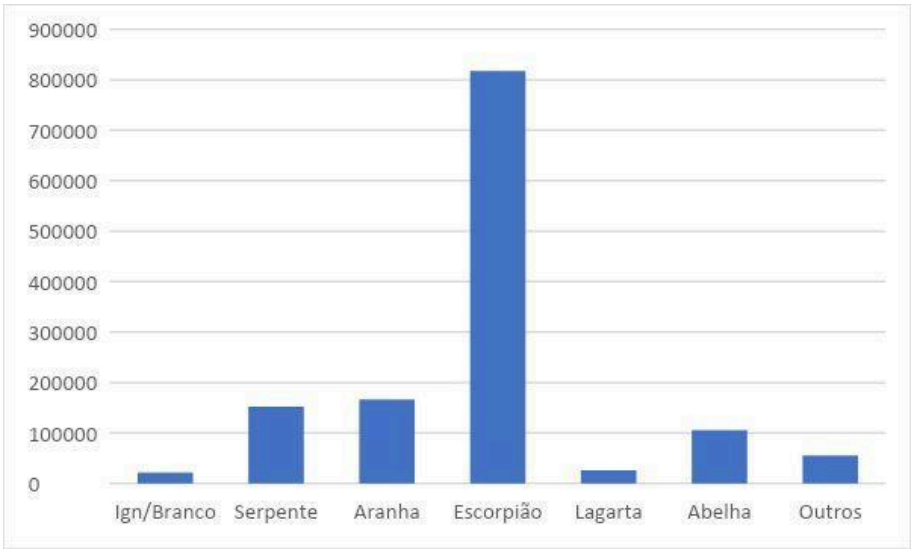
Figura 1. Incidência dos acidentes por animais peçonhentos segundo região brasileira.



Fonte: Ministério da Saúde/SVSA - Sistema de Informação de Agravos de Notificação - Sinan Net

Com relação à incidência dos tipos de acidentes por animais peçonhentos no país, 817.505 (61%) foram causados por escorpiões, 166.319 (12%) por aranhas, 152.124 (11%) por serpentes, 105.703 (8%) por abelhas, 26.210 (2%) por lagartas, 21.570 (2%) Ign/Branco e 55.496 (4%) por outros animais peçonhentos (Figura 2).

Figura 2. Incidência tipos de animais peçonhentos no Brasil

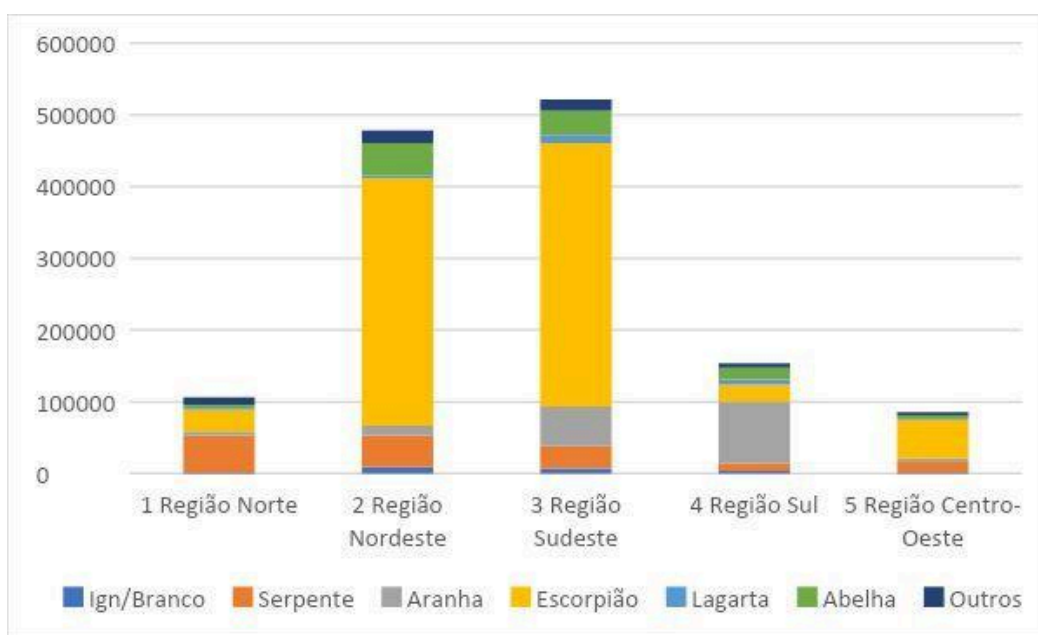


Fonte: Ministério da Saúde/SVSA - Sistema de Informação de Agravos de Notificação - Sinan Net

Ademais, pode-se relacionar os gráficos das Figuras 1 e 2 para verificar se a proporção dos tipos de acidentes por animais peçonhentos mantém-se em todas as regiões brasileiras. Nesse sentido, têm-se:

- Sudeste, Escorpião: 367.313 (71%), Aranha: 54.975 (11%), Serpente: 31.141 (6%), Abelha: 32.951 (6%), Lagarta: 11.836 (2%), Ign/Branco: 7.163 (1%), Outros: 16.127 (3%);
- Nordeste, Escorpião: 344.977 (72%), Aranha: 13.000 (3%), Serpente: 44.448 (9%), Abelha: 45.257 (9%), Lagarta: 3.944 (1%) Ign/Branco: 8.910 (2%), Outros: 17.704 (4%);
- Sul, Escorpião: 23.578 (15%), Aranha: 86.126 (56%), Serpente: 10.721 (7%), Abelha: 16.709 (11%), Lagarta: 7.236 (5%), Ign/Branco: 3.406 (2%), Outros: 6043 (4%);
- Norte, Escorpião: 28.919 (27%), Aranha: 6.388 (6%), Serpente: 51.601 (49%), Abelha: 5.616 (5%), Lagarta: 1.755 (2%), Ign/Branco: 875 (1%), Outros: 10.866 (10%);
- Centro-Oeste, Escorpião: 52.718 (62%), Aranha: 5.830 (7%), Serpente: 14.213 (17%), Abelha: 5.170 (6%), Lagarta: 1.439 (2%), Ign/Branco: 1.216 (1%), Outros: 4.756 (5%) (Figura 3).

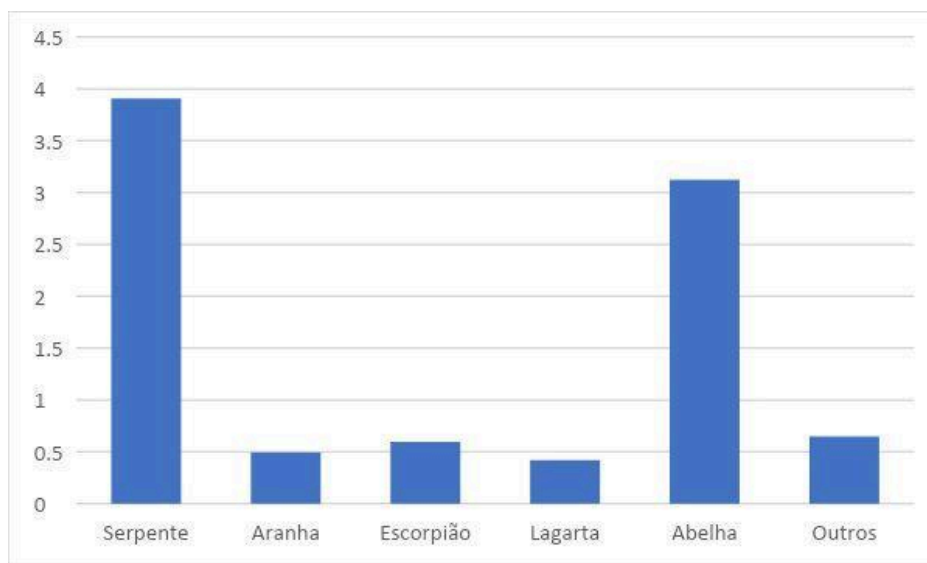
Figura 3. Proporção dos tipos de acidentes por animais peçonhentos por região brasileira



Fonte: Ministério da Saúde/SVSA - Sistema de Informação de Agravos de Notificação - Sinan Net

Com relação à mortalidade, registrou-se no período analisado um total de 1.559 óbitos, apresentando uma taxa de mortalidade geral de 1,16 pessoa por 1.000 habitantes, sendo a cura como o principal prognóstico dos acidentes (91%). As taxas de mortalidade, por 1.000 hab, segundo o tipo de acidente são: Escorpião (0,59), Aranha (0,49), Serpente (3,9), Abelha (3,12), Lagarta (0,42), Ign/Branco (0,92), Outros (0,64) (Figura 4).

Figura 4. Taxas de mortalidade segundo o tipo de acidente por animal peçonhento



Fonte: Ministério da Saúde/SVSA - Sistema de Informação de Agravos de Notificação - Sinan Net

Com relação ao perfil populacional, há o predomínio de acidentes por animais peçonhentos na população masculina (738.573 casos, 55%). Outrossim, existe a maior incidência na faixa etária de 20-59 anos (801.906 casos, 60%). Vale ressaltar o predomínio de acidentes leves (83,5%) em detrimento dos casos moderados e graves (16,5%).

DISCUSSÃO

Nesse aspecto, nota-se o aumento da média anual (53,5%) de acidentes em relação ao período de 2007 a 2019¹³, evidenciando uma taxa crescente do número de casos desde 2018. A incidência de acidentes com animais peçonhentos no Brasil apresenta variações significativas entre as diferentes regiões do país. Em termos absolutos, a região Sudeste destaca-se com o maior percentual de casos, seguida pela Região Nordeste, Região Sul, Região Norte, enquanto a Região Centro-Oeste registra o menor número (Figura 1).

Diversos fatores complexos contribuem para essa elevada incidência na região Sudeste. Primeiramente, a intensa atividade rural na região, marcada por trabalhos agrícolas e pecuários, expõe a população a um contato mais frequente com animais peçonhentos¹⁴. Esse cenário é especialmente evidente devido à expansão da fronteira agrícola, que ocorre principalmente em áreas de Mata Atlântica, um bioma conhecido por sua vasta biodiversidade. Além disso, a expansão urbana desordenada e as condições habitacionais precárias contribuem para a proximidade entre seres humanos e esses animais peçonhentos, ressaltando que a região Sudeste é a mais densamente povoada do país¹⁵. Outro aspecto relevante são os índices pluviométricos da região, as condições climáticas favoráveis, aliadas à presença abundante de abrigos e recursos alimentares, criam um ambiente propício para a proliferação de animais peçonhentos¹⁶. Essa conjunção de elementos amplifica o risco de encontros entre humanos e esses animais venenosos, contribuindo para a incidência elevada de acidentes.

Paralelamente, a Região Nordeste destaca-se como uma área expressivamente impactada pela incidência de acidentes com animais peçonhentos no Brasil, apresentando o segundo maior número de casos (figura 1). Nesse cenário, também se observa uma intrincada interação entre fatores ambientais e socioeconômicos. A predominância de atividades rurais, como agricultura familiar e criação de animais, expõe consideravelmente a população ao contato com esses animais venenosos devido às condições geralmente precárias de manejo dessas atividades¹⁷. A diversidade climática da região, que abrange desde áreas semiáridas até zonas com elevados índices pluviométricos, também contribui para a presença variada de espécies, destacando-se o bioma da Caatinga, que abriga diversas espécies de serpentes, escorpiões e outros animais potencialmente perigosos¹⁸. Nesse contexto, compreender a dinâmica específica dos fatores que contribuem para a incidência de acidentes nas diferentes regiões do país é fundamental para o desenvolvimento de estratégias preventivas e intervenções eficazes, visando mitigar os riscos e proteger a saúde da população local.

Em relação ao tipo de acidente, os casos ofídicos ocorrem por diversas espécies, sendo as principais a jararaca (*Bothrops jararaca*), a cascavel (*Crothalus durissus*) e a surucucu (*Lachesis muta*), e estão associadas tanto às regiões urbanas como rurais, principalmente onde a degradação ambiental e o acúmulo de lixo causam o deslocamento das populações de ofídios. Em relação ao local de picadas, verifica-se na literatura que as regiões das extremidades inferiores são as mais acometidas, assim medidas de segurança com o uso de equipamentos de proteção individual devem ser sempre utilizadas, como o uso de botas de cano longo¹⁹.

Ademais, a incidência dos acidentes escorpiônicos lidera o crescente número de casos de acidentes por animais peçonhentos no Brasil (61%). Alguns fatores podem explicar a hegemonia desse tipo de acidente, como a sua grande presença no meio citadino, a capacidade de ficar grandes períodos sem se alimentar ou ingerir líquidos, o que acarreta maior disseminação, e a rápida e efetiva reprodução por partenogênese²⁰.

Já em relação aos acidentes com aranhas, verifica-se que as regiões Sudeste e Sul são as mais afetadas, com 54.975 e 86.126 casos, respectivamente. Os acidentes ocorrem com mais frequência dentro das casas e nas suas proximidades, como o manuseio de calçados, entulhos e materiais de construção. Os principais gêneros de aranhas no Brasil são a aranha marrom (*Loxosceles*), aranha armadeira (*Phoneutria*) e a viúva negra (*Latrodectus*)⁷.

Além disso, os acidentes com lagartas ocorrem em menor quantidade, e assim como os acidentes com as abelhas, os sintomas dependem da extensão e da intensidade do contato com as cerdas das lagartas. Em casos extremos, o paciente pode sofrer um quadro de envenenamento com complicações graves como arritmias cardíacas e distúrbios hemorrágicos. As famílias de lepidópteros com maior importância na saúde pública são Megalopygidae, Saturniidae, Limacodidae e Arctiidae²¹.

Em relação à proporção do tipo de acidente por animal peçonhento segundo região brasileira, percebe-se uma semelhança com a proporção nacional, com a predominância de acidentes escorpiônicos seguido pelos acidentes de aranhas e serpentes (Figura 3). Entretanto, nota-se uma discrepância em relação às regiões Norte e Sul quanto ao maior tipo de acidente. Na região Norte, há o predomínio de acidentes por serpentes (49%), isso se explica uma vez que a região Norte possui uma vasta extensão florestal com clima tropical, apresentando as condições de habitat características para serpentes²². Já na

região Sul, os acidentes por aranhas representam mais da metade dos acidentes na região (56%), isso ocorre provavelmente devido à maior presença de aranhas marrons (*Loxosceles*) na área urbana e periurbana da região Sul²³.

Nesse sentido, a diferença nas incidências predominantes dos tipos de acidentes por animais peçonhentos nas regiões brasileiras pode ter relação com a diferença das condições climáticas e de habitat de cada região, o que permite a disseminação e aumento de determinado animal peçonhento nos espaços rurais, urbanos e periurbanos.

Ademais, a taxa de mortalidade geral de acidentes por animais peçonhentos é de 1,16 pessoa por 1.000 habitantes, sendo que a evolução da maioria dos casos é a cura (91%), o que pode explicar o descaso em relação ao combate desses acidentes pela saúde pública. Em relação às taxas de mortalidade segundo o tipo de acidente por animal peçonhento, sabe-se que alguns venenos por serem mais tóxicos que outros, apresentam rápida absorção circulatória e, conseqüentemente, alta taxa de letalidade²⁴ gerando um prognóstico ruim ou até mesmo evoluindo para óbito.

O ofidismo foi o acidente com a maior taxa de mortalidade durante o período analisado, levando a óbito 3,9 pessoas por 1.000 habitantes (Figura 4). Quando se trata de acidentes por serpentes, a quantidade de veneno inoculado, a localização da picada, a idade e principalmente o tempo decorrido entre o acidente e o atendimento médico vão influenciar diretamente no quadro clínico da vítima², sendo esse último o principal fator contribuinte para complicação do acidente, visto que algumas vítimas ou responsáveis optam por medidas terapêuticas inadequadas, como uso de chá caseiro, incisão e/ou aplicação de substâncias no local da mordedura, procedimento de torniquete, busca por curandeiro/feiticeiro, entre outras, agravando o caso antes da chegada ao serviço de saúde¹³. Além disso, existe a dificuldade de acesso ao serviço de saúde, aumentando esse tempo hábil entre a picada por algum animal peçonhento e o atendimento ambulatorial.

Os acidentes apílicos no Brasil apresentaram uma taxa de mortalidade de 3,12 pessoas por 1.000 habitantes durante o período analisado (Figura 4). As reações desencadeadas pela picada de abelhas vão variar de acordo com o local e o número de ferroadas, e principalmente pelo passado alérgico do indivíduo atingido, podendo causar manifestações locais e sistêmicas, ou até mesmo óbito. A gravidade do desfecho, na maioria dos casos, está associada à grande quantidade de veneno inoculado após múltiplas picadas, o que pode resultar em reação anafilática². Uma outra hipótese possível para essas evidências é a maior frequência de notificação dos acidentes apílicos mais graves (com múltiplas picadas e indivíduos alérgicos), e ainda, uma subnotificação de casos leves pelo fato da vítima não buscar atendimento médico, o que afeta diretamente os indicadores de saúde¹³.

O escorpionismo, araneísmo, erucismo e outros possuem uma taxa de mortalidade relativamente menor, sendo todas abaixo de 1 pessoa a cada 1.000 habitantes (Figura 4). O acidente escorpiônico, embora frequente, comumente ocasiona apenas manifestações clínicas locais, não evoluindo para problemas sistêmicos, o que colabora para poucos casos graves e fatais¹³.

No entanto, em casos graves, as primeiras 24 h são críticas, período no qual podem surgir as temidas complicações cardiocirculatórias e pulmonares, que podem levar o paciente à morte². Os acidentes por aranhas, lagartas e outros animais peçonhentos geralmente não levam o paciente à morte, devido a menor quantidade de veneno injetado

e baixa letalidade da peçonha, causando sintomas locais e raramente gerando complicações graves no quadro clínico do da vítima.

Com relação ao perfil populacional das vítimas dos acidentes por animais peçonhentos durante o período analisado no estudo, observa-se a população masculina como maior afetado, representando 55% dos casos, e indivíduos com faixa etária de 20-59 anos, representando 60% dos casos. Uma hipótese para esse fato seria que há um maior contato da população masculina com o ambiente em que se encontram os animais peçonhentos²⁵, principalmente com ocupação vinculada ao meio rural¹³.

Resultados semelhantes foram observados em outra pesquisa relacionada ao perfil das vítimas por ofidismo no Brasil, mostrando indivíduos do sexo masculino e na idade economicamente ativa como principais afetados, o que sugere risco ocupacional¹³. O ambiente propício destes ataques por animais peçonhentos em mulheres e crianças é a própria residência, porém em menor proporção²⁴.

O presente estudo mostrou que de forma geral existe o predomínio de acidentes leves em comparação aos acidentes moderados e graves, representando 83,5 % e 16,5% dos casos, respectivamente. A gravidade é influenciada por vários fatores, sendo os principais, a demora no atendimento, presença de comorbidade, aparecimento de sintomatologia ou não, local em que ocorreu a picada e funcionalidade do sistema imune²⁶. Essa determinação da gravidade do acidente, durante o atendimento ambulatorial da vítima, é fundamental, pois essa variável tem influência direta nas medidas que irão ser tomadas no tratamento, como a intensidade da soroterapia a ser administrada².

CONCLUSÃO

Algumas limitações deste estudo merecem consideração. Nesse contexto, é importante destacar as limitações dos dados do DataSUS (Sinan Net). Os dados referentes aos últimos seis meses anteriores à coleta de dados poderiam ter sido atualizados, o que, juntamente a atualizações esporádicas e a possíveis falhas na atualização dos departamentos de saúde, não atestam que todos os dados estão consolidados, independentemente do ano. Vale destacar também as possíveis subnotificações e erros de classificação e de prognóstico passíveis no período de 2018 a 2022 selecionado pelo presente estudo.

Em conclusão, foi registrado um aumento do número de acidentes por animais peçonhentos, os quais possuem diferentes proporções entre os tipos de acidentes em cada região brasileira, bem como no predomínio dos acidentes escorpiônicos e a maior mortalidade dos acidentes apílicos. Dessa forma, medidas políticas de saúde pública necessitam serem tomadas visando diminuir o crescente número de acidentes, direcionando suas ações para os acidentes mais recorrentes e letais respectivamente. Vale destacar a necessidade de mais estudos em relação à influência da educação em saúde da comunidade na incidência e prognóstico dos acidentes com animais peçonhentos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Silva, Raiana Souza da, et al. "Análise Epidemiológica de Acidentes Por Animais Peçonhentos No Estado Do Amazonas No Período de 2015 a 2018/ Epidemiological Analysis of Accidents by Venomous Animals in the State of Amazonas in the Period from 2015 to 2018." *Brazilian Journal of Health Review*, vol. 3, no. 6, 2020, pp. 18359–18375, ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BJHR/article/download/21432/17103/550 10, <https://doi.org/10.34119/bjhrv3n6-233>.
2. Seibert, Carla. "Acidentes Por Animais Peçonhentos No Estado Do Tocantins: Aspectos Clínico-Epidemiológicos." *DESAFIOS: Revista Interdisciplinar Da Universidade Federal Do Tocantins*, Universidade Federal do Tocantins, 2016, www.academia.edu/65980072. Accessed 1 Sept. 2024.
3. Azevedo-Marques, Marisa M., et al. "Acidentes Por Animais Peçonhentos: Serpentes Peçonhentas." *Medicina (Ribeirao Preto)*, vol. 36, no. 2/4, 30 Dec. 2003, pp. 480–489, www.revistas.usp.br/rmrp/article/view/777/789, <https://doi.org/10.11606/issn.2176-7262.v36i2/4p480-489>.
4. De Oliveira, Ana Thereza Arêa Leão, et al. "Acidentes Com Animais Peçonhentos No Brasil: Revisão de Literatura." *Revista Intertox de Toxicologia, Risco Ambiental E Sociedade*, vol. 11, no. 3, 31 Oct. 2018, <https://doi.org/10.22280/revintervol11ed3.389..>
5. "Acidentes de Trabalho Caem 25,6% No Brasil Em 10 Anos." *Ministério Da Previdência Social*, 4 May 2023, www.gov.br/previdencia/pt-br/noticias/2023/maio/acidentes-de-trabalho-caem-25-6-no-brasil-em-10-anos. Accessed 1 Sept. 2024.
6. Almeida, Lina. "Aranhas de Importância Médica Do Estado Da Bahia, Brasil." *Gazeta Médica Da ...*, gmbahia.ufba.br, 2009, [www.academia.edu/74877619/Aranhas_de_import%C3%A2ncia_m%C3%A9dica_d o_Estado_da_Bahia_Brasil](http://www.academia.edu/74877619/Aranhas_de_import%C3%A2ncia_m%C3%A9dica_do_Estado_da_Bahia_Brasil). Accessed 1 Sept. 2024.
7. Flávia Bernardo Chagas, et al. "Aspectos Epidemiológicos Dos Acidentes Por Aranhas No Estado Do Rio Grande Do Sul, Brasil." *Evidência*, vol. 10, no. 1-2, 2017, pp. 121–130, periodicos.unoesc.edu.br/evidencia/article/view/1181. Accessed 1 Sept. 2024.
8. Guerra, Ana Flávia de Paula, et al. "Perfil Dos Acidentes Com Aranhas No Estado de Goiás No Período de 2007 a 2011." *Scientia Medica*, vol. 24, no. 4, 2014, pp. 353–360, revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/scientiamedica/article/view/17741/12522, <https://doi.org/10.15448/1980-6108.2014.4.17741>. Accessed 22 Jan. 2024.

9. “Acidentes Por Aranhas.” *Ministério Da Saúde*, www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/a/animais-peconhentos/acidentes-por-aranhas.
10. Mcs¹, Batista. *ARTRÓPODES de IMPORTÂNCIA MÉDICA DA ILHA DA MARAMBAIA, MANGARATIBA, RJ*. 23 June 2017.
11. Conceição Freitas, Gilson Carlos, et al. “ACIDENTES POR ARANHAS, INSETOS E CENTOPÉIAS REGISTRADOS NO CENTRO de ASSISTÊNCIA TOXICOLÓGICA de PERNAMBUCO (1993 a 2003).” *Revista de Patologia Tropical*, vol. 35, no. 2, 18 Oct. 2007, <https://doi.org/10.5216/rpt.v35i2.1904>. Accessed 8 Mar. 2023.
12. “Conselho Nacional de Saúde.” *Conselho.saude.gov.br*, conselho.saude.gov.br/ultimas_noticias/2013/06_jun_14_publicada_resolucao.html.
13. Souza, Tiago Cruz de, et al. “Tendência Temporal E Perfil Epidemiológico Dos Acidentes Por Animais Peçonhentos No Brasil, 2007-2019.” *Epidemiologia E Serviços de Saúde*, vol. 31, no. 3, 2022, <https://doi.org/10.1590/s2237-96222022000300009>.
14. Lima, Cássio de Almeida, et al. “Surveillance in Health: Accidents and Deaths Caused by Venomous Animals in the Southeast Region – Brazil, 2005-2015 / Vigilância Em Saúde: Acidentes E Óbitos Provocados Por Animais Peçonhentos Na Região Sudeste – Brasil, 2005-2015.” *Revista de Pesquisa Cuidado é Fundamental Online*, vol. 12, 2020, pp. 20–28, seer.unirio.br/index.php/cuidadofundamental/article/view/6872/pdf_1, <https://doi.org/10.9789/2175-5361.rpcf.v12.6872>. Accessed 29 Jan. 2024.
15. Alessi, Neiry Primo, and Vera Lucia Navarro. “Saúde E Trabalho Rural: O Caso Dos Trabalhadores Da Cultura Canavieira Na Região de Ribeirão Preto, São Paulo, Brasil.” *Cadernos de Saúde Pública*, vol. 13, no. suplemento 2, 1997, pp. S111–S121, www.scielo.br/j/csp/a/JJtdvqdnclbCFBvW46dLDP/?lang=pt, <https://doi.org/10.1590/S0102-311X1997000600010>. Accessed 7 June 2022.
16. Silva, Patrick Leonardo Nogueira da, et al. “Perfil Epidemiológico Dos Acidentes Por Animais Peçonhentos Notificados No Estado de Minas Gerais Durante O Período de 2010-2015.” *Revista Sustinere*, vol. 5, no. 2, 16 Jan. 2018, <https://doi.org/10.12957/sustinere.2017.29816>. Accessed 7 Apr. 2022.
17. Oliveira, Hellyson Fidel Araújo de, et al. “Injuries Caused by Venomous Animals and Folk Medicine in Farmers from Cuité, State of Paraíba, Northeast of Brazil.” *Revista Brasileira de Epidemiologia*, vol. 16, no. 3, Sept. 2013, pp. 633–643, <https://doi.org/10.1590/s1415-790x2013000300008>. Accessed 1 Sept. 2022.
18. Aquino de Moraes, Francisco Cezar, et al. “Relação Dos Biomas Nos Acidentes Peçonhentos No Brasil.” *Journal Health NPEPS*, vol. 6, no. 1, 2021, pp. 175–190, <https://doi.org/10.30681/252610105320>. Accessed 13 June 2022.

19. Fernanda Maurer D'Agostini, et al. "Epidemiologia Dos Acidentes Por Serpentes No Município de Concórdia, SC No Período de 2007 a 2010." *Evidência*, vol. 11, no. 1, 2017, pp. 51–60, periodicos.unoesc.edu.br/evidencia/article/view/1572. Accessed 1 Sept. 2024.
20. Assessoria de Comunicação e Educação em Saúde/Ascom/Pre/FUNASA Fundação Nacional de Saúde(FUNASA)MS. *FUNASA VIGILÂNCIA EPIDEMIOLÓGICA*. 2001.
21. Azevedo, Thiago Salomão de. "DISTRIBUIÇÃO BIOGEOGRÁFICA DA OCORRÊNCIA de ACIDENTES PROVOCADOS POR LAGARTAS DO GÊNERO LONOMIA, NO BRASIL, NO PERÍODO de 2000 a 2007." *Hygeia - Revista Brasileira de Geografia Médica E Da Saúde*, vol. 7, no. 13, 20 Dec. 2011, pp. 124–131, <https://doi.org/10.14393/hygeia717041>. Accessed 23 Mar. 2023.
22. Silva, et al. "Who Are the Most Affected by Bothrops Snakebite Envenoming in Brazil? A Clinical-Epidemiological Profile Study among the Regions of the Country." *PLOS Neglected Tropical Diseases*, vol. 17, no. 10, 19 Oct. 2023, pp. e0011708–e0011708, <https://doi.org/10.1371/journal.pntd.0011708>.
23. Silva, Ageane Mota da, et al. "ACCIDENTS with POISONOUS ANIMALS in BRAZIL by AGE and SEX." *Journal of Human Growth and Development*, vol. 25, no. 1, 7 Apr. 2015, p. 54, <https://doi.org/10.7322/jhgd.96768>. Accessed 16 May 2021.
24. PEREIRA RODRIGUES, ALLAN EDUARDO, et al. "PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DOS ACIDENTES POR ANIMAIS PEÇONHENTOS NO TOCANTINS NO ANO de 2019." *Revista de Patologia Do Tocantins*, vol. 7, no. 4, 8 Feb. 2021, pp. 47–53, <https://doi.org/10.20873/uft.2446-6492.2020v7n4p47>.
25. Alencar, Eline Silva, et al. "Acidentes Por Animais Peçonhentos No Município de Guaraí (TO) No Período de 2015-2017." *Medicus*, vol. 1, no. 1, 9 July 2019, pp. 10–21, <https://doi.org/10.6008/cbpc2674-6484.2019.001.0002>. Accessed 23 Aug. 2020.
26. Baldassin JCS, Francisco SR, da Silva RW, Moura RF, Pombo APMM. PERFIL EPIDEMIOLÓGICO E DINÂMICA DA DISTRIBUIÇÃO DOS ACIDENTES OFÍDICOS EM HUMANOS NO ESTADO DE SÃO PAULO. *Hygeia* [Internet]. 18º de setembro de 2021 [citado 1º de setembro de 2024];17:216-2. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/hygeia/article/view/58406>.